

A BASE BÍBLICA DA MISSÃO

Um enfoque a partir das parábolas. ¹

por Martin Weingaertner,
Diretor da FATEV, Curitiba

Nossa leitura bíblica não acontece no vácuo. Ela é marcada pelo passado ao qual estamos conectados como pelo contexto no qual é feita. Por isto quero inicialmente compartilhar duas coordenadas da presente reflexão.

A conexão com o passado.

Na primeira metade do século passado o pastor Hermann Dohms defendia a tese de que a igreja oriunda da imigração alemã da qual, mais tarde, resultaria a IECLB, não era, nem devia ser uma igreja missionária. Imbuído do pan germanismo da época ele entendia que ela devesse dedicar-se aos teuto-brasileiros. A historiografia atesta que a opinião de Dohms representou um segmento significativo de nosso passado recente. Ela também influenciou na nossa leitura bíblica, tanto da academia como da comunidade.

Karl Barth observou certa vez que existe um hiato entre a teologia das lideranças eclesiais e a sua assimilação pela comunidade. Isto me leva a supor que a opinião de Dohms ainda hoje seja muito mais presente do que imaginamos. Isto explicaria o acanhamento e a relutância em fazer missão, bem como o freqüente descompasso entre a boa intenção de muitos projetos missionários e os seus resultados concretos.

O pensamento representado por Dohms, porém, não foi o único em nosso passado. Quero lembrar uma outra visão relativa à missão. Poderia caracterizá-la como uma tênue veia 'zinzendorfiana'². Ela não tem representantes proeminentes como Dohms, mas na segunda metade do século XIX ela estava presente em muitas das comunidades de imigrantes alemães de modo muito mais intenso do que a historiografia oficial o retrata.³ Dentre eles cito o pastor Wilhelm Gottfried Lange que emigrou da Rússia com uma comunidade de Irmãos Moravianos para Santa Catarina onde, em 1886, fundou a colônia de Brüderthal. Posteriormente, de 1896-1909, pastoreou a igreja em Brusque, onde realizava anualmente Conferências Missionárias para motivar a comunidade a olhar além de suas fronteiras.⁴

Minha leitura bíblica conecta profundamente com esta vertente. Mesmo marginalizada ela sobreviveu nas comunidades. E, tanto a Missão União Cristã como o Movimento Encontro têm raízes nela.

1 Versão revisada da palestra apresentada no Fórum de Missão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em Florianópolis, SC, no dia 15/07/2006

2 Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-60) foi um dos pais das missões evangélicas.

3 cf. **FLUG**, Marlon Ronald, **Igreja Ev. De Confissão Luterana no Brasil, Início, Missão e Identidade**, Calebe, Curitiba, 2005, 31-58.

4 **ADAMI**, Luiz Saulo: **Testemunho de Fé, Memorial do Pastor Wilhelm Gottfried Lange**, Blumenau, Nova Letra, 2003

A relação com o contexto

Vivemos hoje num contexto de religiosidade mágica que promove a troca com a divindade. Uma expressão desta espiritualidade é urbana e pós-moderna e podemos exemplificá-la na Igreja Universal. A outra, rural e medieval em suas origens, está presente no catolicismo popular dos centros de peregrinação (do padre Réus e madre Paulina no sul, Aparecida no sudeste, padre Cícero no nordeste ao Círio de Nazaré no norte).

Quem busca trilhar o caminho da fé identificado com a Reforma, tendo dum lado o show business e marketing de igrejas como a Universal, de outro, as romarias e o cerimonial do catolicismo precisa se dar conta que não pode competir com os primeiros, nem com os últimos. O que impede uma igreja evangélica, de fato, de ceder a ambas as tentações é a Palavra de Deus. Por isto, quem não quer perder sua identidade, não pode deixar de balizar-se por ela e de conceder prioridade absoluta a ela.

Isto não é um paradigma apenas luterano, pois já Santo Agostinho dizia: “Prossigamos ao louvor da palavra clara.”⁵ Assim, “as santas palavras façam ninho em nossas mentes. Não passem apenas voando, mas pousem, não voem embora, mas criem alguma coisa.”⁶

Dito isto podemos auscultar as Sagradas Escrituras quanto a fundamentação bíblica da missão. Início com uma resposta simples e singela:

A base bíblica e teológica da missão é o Evangelho de Jesus Cristo.

Quero detalhar esta resposta a seguir, respondendo a seis perguntas: O que é o evangelho? Qual o seu efeito? De que missão evangelho nos incumbe? Como ele se difunde? O que trava o evangelho? Podemos deixar de compartilhá-lo?

1. O QUE É O EVANGELHO?

A palavra *evangelho* tem sua origem no grego e significa 'notícia boa'. O Novo Testamento emprega esta palavra para sintetizar a boa notícia de Jesus Cristo.

Mas, o que nós entendemos como sendo uma boa notícia? Um observador atento da mídia não pode deixar de notar quanto nossa compreensão de notícia boa é condicionada pela economia e pela sua interpretação pelas ideologias econômicas dominantes. Em vista disto quero tentar auscultar a Bíblia numa perspectiva econômica a fim de ajudar-nos a compreendermos melhor o que vem a ser a boa notícia do evangelho. Nesta reflexão focaremos especialmente algumas parábolas de Jesus.

5 WEINGÄRTNER, Lindolfo: **Flores do Jardim de Agostinho**, Encontro Publicações, Curitiba, 2005, p.54.

6 Ibidem, p.52

1.1. Um primeiro enfoque

Na sua parábola do Servo Incompassivo Jesus afirma:

“Por isso, o Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia dez mil talentos de prata. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida. O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: ‘Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo’. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir.” (Mt.18.23-27)

Jesus descreve algo inverossímil, qualquer que seja o modelo econômico adotado. Ninguém, em tempo ou lugar algum, perdoaria uma dívida de 10.000 talentos só por compaixão. Esta dívida equivale a 350 toneladas de prata ou, até, de ouro. É portanto comparável a uma dívida de estado. Desta descrição de Jesus da misericórdia de Deus podemos concluir que a boa notícia do evangelho realmente é coisa de *'outro mundo'*. Somente a quem foi concedido experimentá-la poderá falar dela como realidade.

Neste primeiro retrato do evangelho olhamos para o passado: A notícia boa reside no perdão duma dívida impagável que está sendo executada.

1.2. Um segundo enfoque:

Na parábola dos Talentos Jesus faz outra comparação: *“E [o Reino de Deus] também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a um outro um.” (Mt.25.14s.).*

Aqui Jesus também descreve uma realidade extravagante. Mesmo o servo menos capaz recebe um talento para administrar. Para termos uma noção de quão grande é a confiança daquele homem nos seus servos devemos lembrar que um talento correspondia a 24.000 denários. O denário por sua vez correspondia ao salário de um dia. Assim, a menor consignação correspondia à soma do que um jornaleiro judeu que guardasse o sábado auferiria em 77 anos de jornada. Jesus anuncia a concessão de um invejável capital de giro.

Neste segundo retrato do evangelho olhamos para o futuro: aqui a boa notícia é a consignação generosa de um capital de giro significativo que possibilita negociar. Quem for presenteado com ele, poderá fazer uso dele!

Assim a boa notícia do evangelho não é mero som e ruído, mas é a única notícia que realmente transforma a realidade humana. Por este motivo

Paulo a caracteriza como “*poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*” (Rm.1.16).

1.3. Pressupostos inalienáveis

Vimos que estas descrições 'econômicas' do evangelho convidam o ouvinte das parábolas a conectar seu presente com o seu passado e com o seu futuro. Assim Jesus gera uma percepção tridimensional da boa notícia que gera esperança. Devo observar aqui que estas afirmações sobre o evangelho estão alicerçadas em três pressupostos básicos:

1.3.1. A dívida impagável

Por um lado este evangelho pressupõe que a dívida do ser humano para com Deus tem, de fato, a dimensão de uma impagável dívida de estado. Mesmo quando Jesus a compara a uma dívida corriqueira ele afirma que “*Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar...*” [Lc.7.42]. Isto nos remete à síntese que os reformadores fizeram no Segundo Artigo da Confissão de Augsburgo⁷ sobre a amplitude e gravidade do pecado. Ainda que ninguém de nós queira olhar para si mesmo neste espelho, isto é indispensável para compreender a boa notícia! Pois, quem olhar para a santidade de Deus e deixar de reconhecer sua indignidade, invariavelmente bagatelizará a sua preciosa graça, como o mártir Dietrich Bonhoeffer apontou com insistência.⁸

1.3.2. O capitalista 'doutro mundo'

Por outro lado o evangelho pressupõe que Deus, retratado nas parábolas como credor capitalista, realmente seja tão benevolente e magnânimo. O elogio do homem rico ao esbanjamento escancarado do seu capital no final da parábola do Administrador Infiel (Lc.16.1-9) contraria nossa máxima econômica “*There is no free meal*”. A partir desta lógica econômica toda espiritualidade oriental (tanto a hindu, budista e espírita como a islâmica) há de discordar com veemência da gratuidade absoluta da graça que Jesus afirma com clareza inconfundível. Esta os Reformadores reafirmaram na Doutrina da Justificação sintetizada no artigo quarto da Confissão de Augsburgo.⁹

1.3.3. O mediador autorizado.

O evangelho pressupõe que Jesus de fato, esteja autorizado a anunciar esta boa notícia. C.S. Lewis comenta:

“Um homem que fosse só homem, e dissesse as coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre de moral: seria ou um lunático ... ou então seria o Demônio. Cada um de nós tem que optar por uma das alternativas possíveis. Ou este homem era, e é, Filho de

7 _____ **A Confissão de Augsburgo**, Edição Comemorativa 1530-2005, S.Leopoldo/P.Alegre/Curitiba, 2005, p.11

8 **BONHOEFFER**, Dietrich, **Nachfolge**, Munique, 1964⁸,p.13s. (Edição em português: **Discipulado**, Sinodal, São Leopoldo, 19...)

9 Op. cit., p.4.

Deus, ou então foi um louco, ou algo pior.”¹⁰

A Igreja Antiga tinha dificuldade de aceitar a humanidade de Cristo, a Moderna, a sua divindade. Mas, por mais que a dupla natureza de Cristo exceda nossa razão é indispensável reconhecê-la, sob pena de nossa fé degenerar em imaginação piedosa. Com acerto os reformadores insistiram em reafirmar Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem a um só tempo.¹¹

2. QUAL O EFEITO DA BOA NOTÍCIA DO EVANGELHO?

O efeito desta boa notícia é tão surpreendente como ela própria o é! Na parábola dos Dois Devedores Jesus pergunta ao seu interlocutor pelo efeito óbvio da boa notícia. *“Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia 500 denários e o outro, 50. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?”* [Lc.7.41s.]. E na parábola do Tesouro Oculto Jesus afirma: *“O Reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado,... cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo.”* [Mt.13.44.] Vemos, pois que naqueles que a recebem a boa notícia do evangelho gera amor a Deus, a Jesus, e alegria incomparável e prioridades novas.

2.1. O AMOR A DEUS:

Jesus descreve ao piedoso Simão a intensidade do amor que a pecadora lhe votou:

“[Você] vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés.” [Lc.7.44ss.].

2.2. A ALEGRIA INCOMPARÁVEL:

Os evangelhos relatam da alegria de quem ouviu a boa nova dos anjos e conferiu a notícia na estrebaria em Belém: *“Os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, como lhes fora dito.”* [Lc.2.20] E, anos mais tarde, um peregrino estrangeiro experimenta a mesma emoção depois de entender e aceitar a boa notícia: *“O eunuco não o viu mais e, cheio de alegria, seguiu o seu caminho.”* [At.8.39]

¹⁰ LEWIS, C.S.: *Cristianismo Puro e Simples*, ABÜ, S. Paulo, 3 ed., 1989, 29

¹¹ *Confissão de Augsburgo*, op. cit., p. 11s.

2.3 AS PRIORIDADES NOVAS:

Como consequência da remissão da sua dívida o cobrador de impostos Zaqueu priorizou a diaconia e a reparação das feridas que causara no passado: *“Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: ‘Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais’* [Lc.19.8]. Assim o evangelho torna “o homem bom” e o capacita a tirar *“coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, ...porque a sua boca fala do que está cheio o coração.”* [Lc.6.45]x

3. DE QUE MISSÃO ESTE EVANGELHO NOS INCUMBE?

A perspectiva na qual acabamos de retratar o evangelho nos leva a definir também o que é missão com dois enfoques complementares.

3.1. Com vistas ao passado, missão é o generoso repasse do perdão gracioso

Para ser destinatário deste repasse, basta ser devedor de Deus. Na parábola do Administrador Infiel Jesus conta que este *“chamou cada um dos devedores do seu Senhor. Perguntou ao primeiro: ‘Quanto você deve ao meu senhor?’ ‘Cem potes de azeite’, respondeu ele. O administrador disse: ‘Tome a sua conta, sente-se depressa e escreva cinqüenta’....”* (Lc.16.5-6).

Assim a missão dada aos discípulos é extensão do ministério perdoador de Jesus. Ele justamente voltou-se ao que eram considerados os maiores pecadores a fim de mostrar que ninguém está excluído: à mulher pecadora que o procurara na casa do fariseu Simão ele disse: *“Seus pecados estão perdoados”* [Lc.7.48], e, ao malfeitor na cruz ele prometeu *“Hoje estarás comigo no paraíso!”* [Lc.23.43].

Por causa deste compromisso de repassar o perdão gracioso de Deus, o apóstolo Paulo se caracteriza como *“devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”* [Rm.1.14].

3.2. Com vistas ao futuro, missão é negociar com o capital de Deus para multiplicá-lo.

Como o próprio evangelho, também a missão da qual ele nos incumbe, não apenas liberta do passado endividado, mas possibilita agir de maneira criativa no futuro: na parábola das Dez Minas Jesus descreve que *“um homem de nobre nascimento ... chamou dez dos seus servos e lhes deu dez minas. Disse ele: ‘Façam este dinheiro render até a minha volta.’ O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou outros cinco. Também o que tinha dois talentos ganhou outros dois”* [Mt.25.16-17].

Esta cena nos remete a um agitado mercado oriental como modelo

para a multiplicação do capital divino. Esta parábola não detalha em que isto consiste. Mas a do Bom Samaritano [Lc 10] e a do Grande Julgamento [Mt 25] apontam que isto se dá no amor ao inimigo e nas obras de misericórdia. Assim a diaconia numa acepção ampla está integrada à missão. Esta jamais pode ser reduzida a discursos eloqüentes; nem a diaconia, à ação muda.

Os “*setenta e dois*” discípulos foram incumbidos por Jesus a negociar com os dons recebidos quando “...o Senhor os designou e enviou dois a dois, adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir” [Lc.10.1]. Ao comissioná-los Jesus os reveste com o capital do seu poder, dando-lhes “*autoridade para expulsar espíritos imundos e curar todas as doenças e enfermidades.*” [Mt.10.1]

4. COMO SE DIFUNDE A BOA NOTÍCIA?

4.1. No NT a missão é varejo, não atacado.

A imagem 'top of mind' em relação à missão no Novo Testamento é a da multidão alcançada em Pentecostes [At.2]. No entanto a conversão de multidões é a exceção, não a regra na missão! Também as sinagogas nas quais iniciou a missão em diversas localidades¹² não reuniram comunidades cristãs. Estas começaram a congregar-se em casas. Além de três ocorrências genéricas “*de casa em casa*” (At. 5;8;20) Atos menciona nada menos do que onze casas pelo nome de seus proprietários¹³. Também Paulo menciona nominalmente casas que abrigavam igrejas.¹⁴

Martinho Lutero ainda sabia pensar igreja nesta perspectiva de casa. Foi para ela que redigiu seu Catecismo Menor e em sua própria casa ele agiu conforme o seu conselho de que “um pai deve ser bispo e pastor na sua casa”¹⁵.

Além da casa, prisões e viagens desempenham um papel importante na missão da Igreja Primitiva. Prisões são mencionadas nada menos que vinte vezes em Atos, indicando que nenhuma hostilidade cerceia a obediência missionária. As viagens, por sua vez, são decorrência do “Ide...” e são fundamentais no relato de Atos. O evangelho não ficou restrito aos que já o haviam recebido, de modo que, por onde os discípulos andem ou sejam levados até como prisioneiros, a incumbência de compartilhar o amor de Deus os acompanha. Nisto evidencia-se, além da mobilidade, a flexibilidade diante das circunstâncias, como retrata detalhadamente a viagem de Paulo de Cesaréia à Itália (At.27).

4.2 Missão requer flexibilidade cultural

O relato da visita de Pedro a Cesaréia nos dá uma percepção do

12 Antioquia da Pisídia, Icônio, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto e Éfeso.

13 As casa de Dorcas (9); do curtidor Simão e de Cornélio (10-11); de Maria, mãe de João Marcos (12); de Lídia e do carcereiro (16); de Jason (17); de Tício Justo e de Priscila e Áqüila (18); de Públio e de Paulo (28).

14 As casas de Priscila e Áqüila (Rm 16 +1Co 16), de Aristóbulo e de Narciso (Rm 16); de Cloe e de Estéfanes (1Co 1); de Ninfa (Cl 4); de Onesífero e de Carpo (1Tm 4); de Filemon (Fl).

15 **LUTERO**, Martinho, WA 24.223, in **ALAND**, Kurt, **Luther Deutsch III – Lutherlexikon**, Stuttgart, 1957, verbete 1458.

despojamento cultural e religioso que a missão requereu aos discípulos. Constrangido pela obediência a Deus o apóstolo transpôs barreiras antes intransponíveis e, depois, sustenta seu gesto diante das críticas dos irmãos em Jerusalém

Quando mais tarde passou-se a acolher não-judeus na comunidade cristã em Antioquia, os apóstolos enviaram Barnabé, um discípulo com flexibilidade cultural. Ele era um judeu nascido em Chipre que, *chegando em Antioquia e vendo a graça de Deus, ficou alegre e os animou a permanecerem fiéis ao Senhor, de todo o coração* [At. 11.22]. Assim Jerusalém não impôs sua cultura eclesiástica à Antioquia, nem esta, mais tarde, à Corinto!

Lembremos por fim quantas fronteiras culturais Paulo cruzou em suas andanças! *“Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. ... Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei ... a fim de ganhar os que não têm a Lei”* [1Co. 9.20s.].

4.3 Missão não é monopólio clerical, mas tarefa fraterna.

Jesus enviou seus discípulos de dois em dois (Lc.10.1). Isto certamente lhe permitia apoiarem-se mutuamente. Mas o principal motivo desta missão partilhada era para que ninguém se apropriasse da obra. O fato de serem servos equiparados remeteria para o senhorio de quem os enviara. Neste sentido vemos os apóstolos atuarem ao lado de diáconos [At.6]. Mesmos que estes tivessem uma tarefa específica, eles não causaram ciúmes ao anunciar a palavra. Mais tarde vemos Barnabé reunir uma equipe para ensinar a igreja em Antioquia. E, Paulo trabalhava lado a lado com diversos cooperadores [Rm.16.3,9; 1Co.3.9;etc.]. Também Pedro se considera presbítero, isto é 'mais velho na fé', como os demais presbíteros [1Pe.5.1ss.]. Assim vemos que todos os membros do corpo estão debaixo de uma única hierarquia, Jesus Cristo, o cabeça [1Co.12,12ss.].

Isto gera uma fraternidade na qual as iniciativas dos 'leigos' não são cerceadas por um 'clero apostólico'. Por isto Priscila e Áqülia tinham a liberdade de recomendar Apolo à comunidade de Corinto como pregador. Posteriormente Paulo endossa o ministério deste naquela cidade, dizendo que ele plantara e Apolo regara a lavoura que Deus fizera crescer [1Co.3.6].

Com muito acerto Lutero comenta: *“Se [um cristão] estiver num lugar em que não há cristãos, não é necessária qualquer convocação senão o simples fato de ser cristão, convocado e ungido interiormente por Deus. Então tem a obrigação de pregar aos... não-cristãos... e [de] ensinar-lhes o evangelho por dever do amor fraterno”*.¹⁶

A dimensão da fraternidade não apenas rompe com o paradigma de hierarquias religiosas, mas também com toda discriminação de gênero, classe social, raça e cultura. Na Igreja Primitiva foi conferida à mulher uma dignidade que ela não tinha nem no contexto judeu, nem no greco-romano

16 LUTERO, Martinho, *Pelo Evangelho de Cristo*, Concórdia/Sinodal, P. Alegre/S. Leopoldo 1984, 198 (=WA 11.412)

[At.12.12; 16.15; Rm.16.3ss].¹⁷ O desafio que Paulo faz a Filemon em relação ao seu escravo foragido Onésimo, demonstra como a fraternidade gerada pelo evangelho interferiu nas estruturas escravocratas. E, o convívio entre judeus e gentios numa mesma comunidade relativizou raça e cultura, apesar de revezes e conflitos [At.15; Gl.2.11ss.]. Com muita propriedade Paulo sintetiza esta marca do evangelho: “*Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*” [Gl. 3.28].

4.4. O trabalho dos enviados do Senhor implica em sofrimento.

Da parábola dos maus lavradores [Mt.21.33-40] dá a entender que aqueles que se deixam enviar por Deus necessariamente passarão por sofrimento: “*Os lavradores agarraram os seus servos; a um espancaram; a outro mataram e apedrejaram o terceiro. Então (o Senhor da vinha) enviou-lhes outros servos em maior número, e os lavradores os trataram da mesma forma*” (v.35s).

O desafio de Jesus para que os seus discípulos tomassem sobre si a sua cruz [Mt.10.38; 16.24] também indica nesta direção; o mandamento do amor ao inimigo [Mt.5.43ss.], também. E, a maneira como, mais tarde, em Atos, os discípulos suportam sofrimentos no cumprimento de sua missão, confirma que eles foram preparados para isto.

5- O QUE TRAVA ESTA BOA NOTÍCIA?

Como a intervenção de Deus no mundo através de Jesus Cristo não coage ninguém, as parábolas também descrevem a possibilidade de não cooperarmos na missão de Deus. Isto pode acontecer por diversos motivos:

5.1. Medo de ousar:

Nas parábolas dos Talentos e das Minas Jesus retrata o medo como empecilho da missão. Em ambos os casos este é alimentado pela compreensão equivocada do caráter de Deus, pois os medrosos não se dão conta de que também para negociar com o capital dependem da graça e misericórdia: “*Senhor aqui está a tua mina; eu a conservei num pedaço de pano. Tive medo porque és um homem severo...*” [Lc.19.20s]. “*Eu sabia que o Senhor é homem severo... Por isso tive medo, saí e escondi o seu talento . Veja aqui está o que lhe pertence*” [Mt.25.24s.].

5.2. A administração infiel:

Uma coisa é não depender da misericórdia de Deus na missão, outra é abusar do capital que nos foi confiado: “*O administrador de um homem rico foi acusado de estar desperdiçando os seus bens.*” [Lc.16.1]. Em que consistiria esta má administração, senão no uso do 'capital da graça' exclusivamente em benefício próprio que priva outros de também

17 Cf. **STARK**, Rodney: **O crescimento do cristianismo – Um sociólogo reconsidera a história**, Paulinas, São Paulo, p.123ss.

experimentá-lo?¹⁸

5.3. A Trava da tradição religiosa / piedosa:

Os evangelhos preservaram os embates de Jesus com os escribas e fariseus, não para fazer registros históricos, mas porque as posições assumidas por eles retratam tentações às quais também os discípulos estão expostos, pois os escribas representam a tentação de encontrar “*uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às [nossas] tradições*” [Mc.7.9; cf. tb. Mt.15]. Agindo assim eles tiravam o foco do essencial. Já nos fariseus os evangelhos ilustram a tentação de justificar-se pela sua piedade: “*O fariseu, em pé, orava em seu íntimo: 'Deus eu te agradeço que não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho'*” [Lc.18.11-12]. Ao fazer da própria piedade o seu parâmetro, o fariseu perdeu a percepção da própria indignidade e, assim, também a compaixão com o próximo.

5.4. A incoerência cínica:

Por fim as parábolas ainda retratam a incoerência cínica de quem recebeu pleno perdão, mas não está disposto a estendê-lo minimamente ao próximo: “*Mas quando aquele servo [a quem foram perdoados 10.000 talentos] saiu, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem denários. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: 'Pague-me o que me deve!'*” [Mt.18.28ss.].

Para compreender o caráter anti-missionária desta atitude precisamos entender a proporção entre as duas dívidas. A própria dívida do servo era de 260.000.000 denários¹⁹, a do conservo, de meros 100 denários. O servo é cínico porque sabe da grandiosidade do perdão que recebera. Ele usufruiu dele, mas se nega a praticá-lo com seu irmão.

6. PODEMOS DEIXAR DE COMPARTILHAR A BOA NOVA?

As parábolas retratam três abordagens distintas para com aqueles que se negam a participar da acolhida graciosa do devedor e do empenho de fazer o capital divino render:

6.1. O convite insistente:

A primeira atitude é a atitude de convencer e convidar o reticente à acolhida graciosa: “*O filho mais velho encheu-se de ira e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele*” [Lc.15.28].

6.2. Advertência severa:

Já o administrador infiel foi convocado a prestar contas: “*Então [o*

18 Cf. detalhes em WEINGAERTNER, Martin: **Orando em Família 2000**, p.374-380

19 100 denários= 1 mina; 260 minas = 1 talento de prata; cf. ALEXANDER, David e Pat: **O mundo da Bíblia**, 2 ed., Paulinas, São Paulo, 1985,p.108s.

homem rico o] *chamou e lhe perguntou: 'Que é isso que estou ouvindo a seu respeito? Preste contas da sua administração, porque você não pode continuar a ser o administrador'*[Lc.16.2].

Esta parábola, porém, retrata que entre a convocação e a prestação de contas há um prazo que permite ao administrador mudar de atitude.

6.3. A execução judicial:

Por fim há parábolas que indicam que quem se recusa a inserir-se na missão de Deus, sofrerá o juízo. Por isto, o servo que enterrara seu talento é sentenciado: *"Tirem o talento dele... E lancem fora o servo inútil, nas trevas,"* [Mt.25.29s.]. E, o servo que se negou a perdoar sofre a revogação do perdão já concedido: *"Irado o seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia."* [Mt.18.34]. Definitivamente o evangelho da graça não oferece 'graça barata', mas sim 'graça preciosa'!

Assim concluímos que não podemos furtar-nos de repartir e compartilhar este evangelho! Ainda mais, porque estas afirmações contidas nas parábolas foram endossadas por Jesus como Senhor ressuscitado e pleno de autoridade divina. Ele ordena aos seus seguidores *"Ide e fazei discípulos..."* (Mt.28) e reveste-os do poder do Espírito de Deus para esta tarefa (At.1.8).

Lutero tinha razão ao afirmar: *"Um cristão enxerga em amor fraternal a necessidade das pobres almas em perigo, e não espera que... bispos lhe dêem ordem ou cartas. Porque a necessidade rompe todas as leis e não tem lei."*²⁰

Assim perguntemo-nos a nós mesmos, se nos disporemos ou não para cantar e orar

***"Ó Deus nos faze mensageiros
da boa nova de Jesus!
No mundo inquieto e conturbado
ergamos o sinal da cruz!"***²¹

²⁰ LUTERO, Pelo Evangelho... , 198 (=WA 11,412)

²¹ WEINGÄRTNER, Lindolfo: **Se não houver quem profetize**, em **Hinos do Povo de Deus** (1), Sinodal, S.Leopoldo, 2 ed.,1981, hino 196.4